

A Páscoa como núcleo do programa divino de perfeição existencial

Metropolita Iosif Bosch (PhD. ThD)
Patriarcado Ecumênico de Constantinopla

“Agora todas as coisas se enchem de luz: o céu, a terra e os infernos; que toda a criação celebre a ressurreição de Cristo, pois é nela que tudo se fundamenta.”¹

A declaração do Damasceno vai direto ao cerne da questão: de agora em diante todas as coisas, todas as dimensões criadas – *tudo o gênero humano* – **têm a possibilidade** de alcançar a plenitude existencial, simplesmente porque Deus cumpre a **fase central** de seu plano evolutivo-aperfeiçoador. Mas, **qual é o programa divino? Fazer com que os homens se tornem deuses**; Atanásio, o Grande, o diz com toda clareza: *“Porque o Filho de Deus se fez homem para nos tornar Deus”*.² Na teologia ortodoxa, **criação-encarnação-(morte)-ressurreição-ascensão-Parusia** são consideradas diversas fases de um mesmo processo – *do arcano desígnio* – de Deus para com a sua criação; é por isso que João, o Damasceno, conclui dizendo que *toda a criação se fundamenta neste evento que hoje celebramos e que representa o núcleo desse desígnio*.

Para a teologia ortodoxa, **sempre empírica e experiencial**, a ressurreição de Cristo é a **prova central** do cumprimento aqui e agora – mas desde sempre e para sempre – desse plano estabelecido pré-eternamente, que se inaugura com a criação e deverá se concluir com a perfeição de todas as coisas na Parusia de Cristo. Essa articulação **sistemática, orgânica, irreversível e inerente** à relação de Deus com o criado deve ser compreendida e **vivida** – sobretudo vivida! – de forma holística, a partir de uma **dupla ótica** necessariamente **física**, material, mas ao mesmo tempo **metafísica**, transcendental. E isso porque a sobrenatureza está sempre operando **em, sobre e a partir da** própria natureza criada: só depois, e apenas depois, é que vem a esfera ético-moral, como consequência.

Celebramos a Páscoa não como um evento meramente religioso, mas porque é um acontecimento central na história humano-divina; trata-se de uma completa **disrupção existencial** sobre o gênero humano, prefigurada por Moisés e pela passagem do povo hebreu da escravidão para a liberdade.

A Páscoa cristã, por sua vez, **é o impulso final** da humanidade caída — e assumida pelo Cristo — rumo à sua **libertação e plenitude**. Por isso, o Cristo – **o Arquétipo** – se faz homem, sofre, morre, desce ao submundo e o esvazia, ressuscita, ascende e vem em glória para **recapitular** tudo de acordo com esta **“nova Ordem”** crística (Ap 21,5). Para nós, ortodoxos, o Cristo assume toda a **negatividade** do criado, expressa na **negação** adâmica; Ele a assimila em sua própria pessoa, a sublima e a transforma

¹. San Juan Damasceno, III Oda del Canon de la Resurrección.

². San Atanasio de Alejandría, *De Incarnatione*, 54, 3, PG 25, 192B.

em **possibilidade**, em **abertura**, em **transcendência**, em **perfeição** sem limites, sem exceção e sem exclusão.

Pois bem, este é o plano divino. No entanto, a nossa teologia rejeita toda forma de predeterminação ou predestinação, uma vez que Deus cria seres racionais — ou seja, dotados de **auto-soberania**, comumente chamada de **liberdade**. Assim, cabe a nós aceitar ou não essa abertura, essa possibilidade, essa “**Nova Era**” — o “Reino” — inaugurado por Cristo. O plano foi revelado e a metodologia explicada. **Qual é a chave?** Dupla: **1.** *“Esta é a vida eterna: que te conheçam a Ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.” (Jo 17,3)* **2.** *“Dou-vos um novo mandamento: Amai-vos uns aos outros; como EU vos amei, assim também deveis amar-vos uns aos outros.” (Jo 13,34).* Essas não são condições excludentes, como poderia facilmente ser interpretado a partir de uma ótica estritamente religiosa. Pelo contrário, são a chave para acessar uma metodologia, um sistema espiritual, um modo de vida baseado na liberdade, com o único objetivo de promover a divinização de todos, sem qualquer distinção.

A teologia ortodoxa, com sua marca exclusivamente experiencial e sua consequente metodologia apodítica, previne toda mitologia cristã; isso sim, **precede a fé**, que é a realidade – aqui e agora – das coisas que se esperam, a prova certa daquilo que ainda não se vê (Hb 11,1). Parece um oxímoron, sim, mas não é: **É um paradoxo!** Sim, claro, porque no “**Reino**” a lógica, claro, opera em seus limites, mas depois cede o terreno para sua superação, a meta-lógica: então convivem de forma original e lícita a ciência com a intuição, o material com sua contraparte etérea, o tempo com a eternidade, o limite com a infinitude. E tudo de maneira criativa, original e livre!

E tudo isso em virtude do Cristo que vence a morte – o pecado, o limite, a negatividade do criado – com sua própria morte que **irrompe** e se constitui como Vida em sobreabundância.

Como saber que tudo isso não é apenas mais um relato de caráter religioso? Só me resta repetir as palavras do salmista: “**Vinde, provai e vede que o Senhor é bom!**” (Sl 34,8).

Cristo resucitou!
Verdadeiramente ressucitou!

FELIZ PÁSCOA A TODOS!